

EQUIDADE DE GÊNERO EM NÍSIA FLORESTA

*EQUITY OF GENDER IN THE WORK OF NÍSIA FLORESTA*GRAZIELA RINALDI ROSA¹

Recebido em: 14/04/2011

Aprovado em: 07/05/2012

RESUMO

Neste artigo, iremos falar de uma importante personagem de nossa história. Uma pensadora brasileira, que utilizou o pseudônimo Nísia Floresta nas primeiras décadas do século XIX, para publicar e escrever sobre as diferenças de gênero existentes na sua época, fazer denúncia sobre a maneira que as mulheres eram tratadas no mundo das letras, versar sobre a educação feminina e propor uma sociedade que reconhecesse as diferenças e respeitasse as pessoas, independentemente de gênero, classe social, instrução, idade, origem. Nísia fundou escolas para as meninas, pois, naquela época, apenas os meninos eram incentivados a estudar e tinham acesso à educação formal; viajou e morou na Europa, despertando a admiração de intelectuais, como Auguste Comte.

Palavras-chave: História; Educação; Gênero.

1 Introdução

Nísia Floresta (1810-1885) foi educadora numa época em que havia pouca preocupação com a educação para as meninas. No período do Império, a elite educava seus filhos com professoras particulares, pois havia poucas escolas onde se aprendia ler, escrever e contar. Neste artigo, iremos analisar: como Nísia Floresta pensou a equidade de gênero? As obras de Nísia Floresta, em que ela versou sobre a educação, foram as nossas fontes primárias. Para analisar as denúncias do preconceito de gênero em Nísia Floresta, fizemos a revisão bibliográfica tanto de obras que versam sobre Nísia Floresta, quanto as suas próprias.

As obras de Floresta que serviram de base para pensarmos a questão

ABSTRACT

In this article we will talk about an important character of our history. A Brazilian thinker that used the alias Nísia Floresta in the first decades of the 19th century to publish and write about the differences of gender that existed that period, denounce the way the women were treated in the world of letters, reflect about the feminine education and propose a society that recognize the differences and respect the people whatever be their gender, social class, instruction, age, origin. Nísia has founded schools for girls, because in that period only boys were encouraged to study and only they had access to the formal education, she has traveled and lived in Europe, admiring intellectuals, like Auguste Comte.

Keywords: History; Education; Gender.

de gênero encontrada na filosofia de educação nísiana² neste trabalho são: (1) *Máximas e Pensamentos*; (2) *Conselhos à minha filha*; (3) *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*; (4) *Fany ou o modelo das donzelas*; (5) *Opúsculo Humanitário*; (6) *A Mulher* (7) *Um passeio no Jardim de Luxemburgo*. Tratando-se de uma análise a partir da categoria de gênero, a obra *Direito das Mulheres e Injustiças dos homens* (publicada primeiramente em 1832), apesar de muitas controvérsias, é de suma importância, e analisaremos-la separadamente. As obras escritas por Nísia Floresta são de conteúdo documental primário para pensarmos a autora. Por outro lado, reunimos o que está associado à sua produção. A pesquisa documental deve muito à História e, sobretudo, aos seus

¹ Mestre e Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS-RS), Brasil. E-mail: grazirinaldi@bol.com.br.

² Este artigo é fruto de uma pesquisa de doutoramento, realizada no programa de pós-graduação em Educação da Unisinos/RS, que teve como foco escrever a Filosofia de Educação nísiana. Trabalho ainda inédito e que busca inserir Nísia na história da educação latino-americana.

métodos críticos de investigação sobre fontes escritas. A aproximação entre história e educação, por exemplo, acontece porque a investigação histórica, ao pretender estabelecer sínteses sistemáticas dos acontecimentos históricos, serviu às ciências sociais, no sentido da reconstrução crítica de dados que permitam inferências e conclusões.

O ensinamento da igualdade que deve reinar entre homem e mulher começa neles³ em relação às próprias irmãs em seus jogos infantis, e em todos aqueles milhares de costumes domésticos, nos quais transparece aquele orgulho excessivo e aquela pretensão do rapazola que tanto vos diverte, e que nada mais é, ó mulheres, senão o germe deste presunçoso egoísmo que vos oprime por toda a vida com prejuízo da própria felicidade deles. Vossas filhas, igualmente criadas com atento cuidado, não acolham em seu ânimo aquelas ridículas aspirações de gabolice que desnaturam-nas e desviam-nas do digno escopo que a mulher deve ter em mira; nem dêem lugar em seu coração a nenhum daqueles bravos sentimentos que pouco a pouco acabam por danificar a felicidade daqueles pelos quais elas devem viver (FLORESTA, 1997, p. 150-151).

A palavra gênero é posterior às produções de Floresta, por isso suas ideias sobre as relações de gênero são de grande valor nessa temática, visto que aponta um olhar pioneiro para essas questões no Brasil. Em meio a tantas mulheres que, no século XIX, eram “submissas, analfabetas e anônimas” (DUARTE, 2006, p. 19), podemos imaginar essa brasileira escrevendo, militando e provocando a maneira de pensar de muitas pessoas. Suas ideias inovadoras abordaram temas que hoje lutamos para inserir na academia, como os estudos feministas e de gênero. Vislumbrando uma educação mais justa e humana, criticando que quase nada havia sido

³ Referindo-se aos filhos (as).

feito para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação das mulheres, a fim de que as mulheres pudessem vencer (no início do século XIX) as trevas que lhes obscureciam a inteligência e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, Nísia Floresta destacou, em diversas obras o que havia de diferença do Brasil com relação a outros países. Denunciou a opressão masculina e lutando pelos direitos das mulheres, enfatizando que apenas com a educação as mulheres conseguiriam uma melhor condição de vida.

Assim, Nísia Floresta passava às suas educandas os valores que deviam nortear os passos das meninas. A mulher deveria ser aberta ao conhecimento, como forma de se libertar. Floresta avançava frente ao pensamento de sua época à medida que valorizava a educação feminina. Talvez, hoje, tenhamos mais clareza do que isso significa. Muitos documentos que tratam sobre políticas públicas na educação, bem como gênero na educação, vêm apontando que a educação da mãe interfere nas condições de vida e no que os seus filhos terão acesso e que, para superarmos os preconceitos de gênero, a educação que valorize tanto homens quanto mulheres e as discussões sobre as relações de gênero nas escolas é fundamental.

2 Metodologia e referenciais teóricos

Primeiramente, realizamos uma pesquisa bibliográfica⁴ através das obras escolhidas. O critério que estabelecemos para a organização das fontes documentais foi de leituras e releituras, bem como o fichamento das obras. Para cada documento, criamos uma ficha de leitura, contendo resumo, referência bibliográfica da publicação, além de algumas transcrições de trechos que poderão ser utilizados posteriormente. Sabemos que, quando se trata de fonte documental,

⁴ Entendemos como um estudo baseado em documentos como material primordial: revisões bibliográficas, pesquisas historiográficas, em que se extraem deles toda a análise, organizando-os e interpretando-os segundo os objetivos da investigação proposta numa perspectiva histórica.

organizar o material significa processar a leitura segundo critérios da análise de conteúdo, comportando algumas técnicas, tais como levantamento quantitativo e qualitativo de termos e assuntos recorrentes, criação de códigos para facilitar o controle e manuseio. Além da análise dessas obras, fizemos o levantamento de obras e de pesquisas sobre a Nísia Floresta, trabalhos sobre a autora em anais de eventos na Educação, vídeo, jornais elaborados sobre Nísia Floresta, palestras sobre ela de intelectuais dos séculos XIX e XX, e outros materiais que servem de base para o nosso referencial teórico, como dicionários e periódicos femininos. Também procuramos documentos no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Norte; Academia de Letras do Rio Grande do Sul; arquivos públicos do Rio Grande do Norte e do Rio Grande do Sul; Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul; Mitra da Arquidiocese de Porto Alegre-Cúria de Porto Alegre e Igreja Matriz do Município de Nísia Floresta; e Igreja Matriz de Porto Alegre. Pesquisamos em museus, memoriais, bibliotecas públicas, bibliotecas particulares de Hilda Flores (Rio Grande do Sul), Luis Carlos Freire (Rio Grande do Norte); arquivos públicos, arquivos históricos; Institutos Históricos; Academia de Letras, no Rio Grande do Sul e no Rio Grande do Norte. Quanto as suas documentações, suas cartas, seus escritos, seus cadernos de anotações, bem como os seus cadernos de aula, planos curriculares e outros documentos importantes que mostram a educação proposta por Nísia, além da sua vida e suas obras, ainda são um mistério, pois, em alguns registros (jornais e livros), consta a existência de documentações, mas não sabemos onde estão.

Com relação às biografias de Floresta, temos algumas considerações a serem feitas. Temos como biógrafos (as) de Nísia Floresta, em ordem

cronológica: (1) Roberto Seidl, com sua obra *Nísia Floresta 1810-1885 - A vida e a obra de uma grande educadora, precursora do abolicionismo, da República e da emancipação da mulher no Brasil* (1933); (2) Adauto Câmara, em 1941, com a obra *História de Nísia Floresta*; (3) Maria Simonetti Gadêlha Grilo, como a obra *Buscando a Luz sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1989); (4) Constância Lima Duarte, com sua obra *Nísia Floresta - Vida e Obra* (1995). Devido à dificuldade de encontrarmos documentações e informações da vida de Nísia Floresta, consideramos que esse conjunto de obras é o que temos hoje de biografias sobre a autora, elas repetem algumas informações, e uma foi apontando para as outras, novos caminhos para se conhecer o que hoje sabemos sobre Nísia Floresta. Algumas mais simples do que outras, mas todas falando da vida e da obra de Nísia Floresta. O conjunto de documentos, além dos livros e artigos trabalhados, foi composto por: **a.** outros escritos: manuais, dicionários, periódicos femininos, anais, publicações resultantes de seminários e palestras realizadas, projetos que versam a figura de Floresta; **b.** materiais não impressos, que podem subsidiar a leitura da obra da autora: vídeos, documentários e fotografias; **c.** apreciações críticas sobre a produção de Nísia Floresta: textos com referências biográficas e publicações que traziam análises sobre a proposta educacional de Floresta. Paralelamente, necessitando obter subsídios para a análise referente às contribuições da autora, consultamos diversos tipos de publicações, que tratavam de: a) história de Nísia Floresta e seus vínculos com a educação no Brasil; b) análises sobre a relação teoria-prática; c) reflexões e questionamentos acerca da relação gênero-educação. Além disso, a consulta à bibliografia sobre a educação e a vida das mulheres no século XIX foi fundamental para analisarmos a proposta pedagógica e suas obras, contextuali-

zando-as, para, então, contribuir para melhor compreender o contexto em que a autora as produziu, evitando distorções na análise. Com a coleta de dados empíricos, através de biografias, obras de Floresta, pesquisa bibliográfica (jornais que falam da autora, publicados posteriormente à morte dela, documentos e vídeo⁵), pretendemos investigar como Nísia Floresta, através de suas obras, pensou a educação das meninas, bem como conhecer as bases que nos permitem falar da filosofia da educação versada em sua obra. Para desenvolver a análise, além de contar com os arquivos, organizando toda a documentação, e com as fichas de leitura, definimos as categorias de análises, que estabelecem relações com o problema de pesquisa.

Os trabalhos produzidos por outros autores sobre Nísia Floresta foram obras de leitura e reflexão obrigatórias. São consideradas fontes de informação e diálogo na direção do atendimento sobre as ideias da autora quanto à educação. Ao reunirmos as obras, buscamos fazer seu estudo crítico e discutir sobre sua inserção na história da educação. Verificamos se os conceitos correspondiam, de fato, a uma interpretação que garantisse homogeneidade e coerência ao conjunto mais amplo de termos chave. Ao término de revisão da lista de conceitos, estes foram distribuídos de acordo com o conteúdo abordado (manifesto) e o significado (latente), consoante ao que vem a ser inter-relações de teorias (filosofia positiva de Comte, gênero e educação moral) com as práticas pedagógicas de Floresta. Com isso, definimos os seguintes indicadores: bases teóricas – conceito de Mulher, proposta de uma educação moral, concepções políticas e sociais (papel da mulher, direito das mulheres, valores religiosos/cristãos), e equidade de gênero entre homens e mulheres.

⁵ No Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte encontramos apenas jornais de 1889-1899, não encontramos jornais do tempo de Nísia.

3 Desenvolvimento

A temática gênero aparece nas obras e no pensamento de Nísia Floresta à medida que denuncia como eram as relações entre os homens e as mulheres, como se relacionavam naquela época, como as meninas eram educadas e as mulheres eram tratadas na sociedade. Era através da educação que as mulheres resolveriam alguns problemas relacionados ao preconceito de gênero, pois ela acreditava que, se as mulheres estudassem, iria diminuir o preconceito que os homens tinham com relação a elas. Na época da autora, a formação intelectual não era considerada importante por parte de algumas pessoas, principalmente a educação para as mulheres. “Nota-se que, mesmo entre a elite, o esmero e a formação intelectual não tinham importância” (GIOLO, 2006, p. 453). No discurso em que encerrou o ano letivo (1847) da escola que fundou, Nísia Floresta chamou atenção das meninas para aperfeiçoar as lições que tiveram e aproveitar o tempo “preciso dos estudos”, dizendo:

[...] fazer bom uso de uma instrução, de que tanto precisa nosso sexo, a fim de facilmente preencher os sagrados deveres que lhe impõem a natureza e a sociedade; e forçar, por assim dizer, o egoísmo, a discriminar nele o mérito, que lhe dá uma sólida instrução, da desprezível vaidade que não pode afluir senão em espíritos minimamente medíocres (FLORESTA, 2009, p. 106).

Nesse trecho, Nísia Floresta (2009) critica a vaidade, pois, para ela, as meninas deveriam se dedicar mais aos estudos e não perder “seu precioso tempo” com frivolidades. As educandas deveriam, segundo Floresta (2009), “estudar bons livros nas horas vagas”, “entreter o espírito, a fim de que a ociosidade não o venha assaltar com os seus terríveis efeitos” (FLORESTA, 2009, p. 106). Em seu texto *Fany ou o modelo das Donzelas* (FLORESTA, 2009, p.

96), a autora descreve a vaidade como “o monstro devorador das qualidades das mulheres”. Assim, abdicando das frivolidades, as mulheres só superariam o preconceito e os entraves daquela época se estudassem e não dessem valor para vaidade. As mulheres, para Nísia Floresta, tinham o mesmo potencial para estudar e atuar na sociedade, junto aos homens. Contudo, como era a época de Nísia Floresta? Chamon (2005) destacou que tal ensino encontrava-se em uma lamentável situação de abandono e desprezo por parte de todos que dele participavam. Muitas escolas não tinham professores (as), ou eles (as) lhes eram retirados (as). Quase todas as escolas ficavam em casas alugadas e mal estruturadas tanto em suas instalações físicas quanto em suas condições sanitárias, como nos relatam vários documentos pesquisados no Arquivo Público de Minas Gerais (CHAMON, 2005, p. 38). Peggy Sharpe (1989) destacou que a educação das mulheres no Brasil de princípios do século XIX estava organizada ao redor da dicotomia europeia entre a instrução e a educação. Aos homens, instruía-se para desenvolver o intelecto. Às mulheres, educava-se para formar o caráter. Não se considerava o desenvolvimento intelectual das meninas como benefício em si mesmo, nem como meio de realização da personalidade individual. O propósito principal da educação da mulher brasileira era conservar a pureza, em sua conotação sexual e assegurar um comportamento correto perante a sociedade (SHARPE, 1989, p. XI). O pensamento pedagógico do século XIX deve ser compreendido não só a partir das alterações econômicas e sociais, mas também a partir do estágio cultural e científico da população. Floresta teve uma formação cristã e sua filosofia da educação era baseada nestes valores, e foram inúmeras as influências da filosofia moral exercidas sobre o pensamento pedagógico no século XIX. Numa tendência liberal, foram surgindo, no século XIX, nítidas preo-

cupações com a educação da criança para a vida em sociedade, relacionando a educação e o progresso, a educação e o bem-estar, a educação e a cidadania.

Como temos apontado em alguns lugares (ROSA, 2005-a, b, c, 2006, 2010), a questão de gênero deve estar presente em todas as áreas do conhecimento⁶. Encontramos nas obras de Nísia Floresta questões acerca das relações de gênero, uma vez que a autora foi a primeira pré-feminista brasileira a publicar e reivindicar em jornais, em livros e ao fundar escolas, para colocar em prática o que ela acreditava que superaria o preconceito de gênero da época. A seguinte passagem de Floresta, retirada de seu texto *A mulher*, reunida na obra *Cintilações de uma obra Brasileira*, mostra-nos a relação de gênero presente em sua produção, ainda numa época em que não se falava de “gênero”:

O homem profana os mais santos deveres da natureza e da lealdade; abusa da confiança das famílias nas quais é recebido, engana as raparigas, seduz as esposas, insulta os parentes e os maridos; rasteja, como um desenfreado animal, nos mais abjetos níveis da sociedade [...] E ainda assim ele é recebido em todo lugar, festejado, e orgulhoso de suas conquistas; e se ele é rapaz rico, ou em vias de sê-lo, acha facilmente pais que não hesitam em conceder-lhe a mão de uma filha. A mulher tida por mais fraca que o homem, deve suportar sozinha a punição, se a sua força vacila. Educada entre os elementos mais contrários a corroborar-lhe a razão e iluminar-lhe o espírito para evitar as inumeráveis insídias armadas à sua sensibilidade e inexperiência, deve todavia carregar por si só o oprobrioso peso da vergonha quando é arrastada por aquele que a fez cair (FLORESTA, 1997, p. 127).

Nísia Floresta denuncia o preconceito de gênero, mostra que, se uma garota caísse na desgraça de “prevaricar” por um amor que ela acreditava

⁶ Na área da Filosofia trabalho melhor esse tema em “Relações de Gênero na Filosofia” (2012).

ser sincero e puro, ao ser descoberta, sofreria uma reprovação enérgica da sociedade; enquanto o homem seria acolhido com graça e grande honra (FLORESTA, 1997, p. 125). Esses tipos de atitudes são denominados por ela de “aberrações do intelecto viril” (1997, p. 127). Estas abjeção e injúria ao comportamento das meninas e mulheres estão ainda presentes em nossa sociedade. As adolescentes, nas escolas, comentam que os meninos podem se comportar de maneira que fiquem com mais de uma menina em uma festa, por exemplo; enquanto as meninas carregam o peso da vergonha numa situação idêntica.

Floresta (1997) trabalhava numa perspectiva de gênero no sentido de “desnaturizador”, que questiona posições estabelecidas, tanto teóricas quanto socialmente e culturalmente construídas. Temos encontrado acirradas discussões sobre o conceito de gênero. Muitas são as críticas e construções a seu respeito⁷, mas podemos dizer que Nísia Floresta (1997), além de trabalhar com a categoria “sexo” (comum à época), faz relações acerca da construção cultural e social da mulher. Paradoxalmente, a filosofia de educação nisiana prega a liberdade feminina para o uso da razão, mas uma razão em que as mulheres não poderiam ir além daquilo que sempre se esperou delas, ou seja, as mulheres deveriam ser educadas para “não perder a cabeça”. Trata-se de uma filosofia de educação baseada na Igreja, pois Floresta demonstrava na sua prática em seus estabelecimentos educacionais e a partir de suas máximas, que assim seria aperfeiçoada a faculdade moral da menina e da mulher. Sua filosofia da educação abominava a ideia de que a fraqueza que constitui um encanto feminino, ou como era considerada por alguns: um de seus primeiros encantos. A mulher deve despertar e fixar a atenção do homem pelas “graças exteriores”, porque a referida autora afirmou

⁷ Adriana Piscitelli (1997) faz um apanhado sobre a ambivalência dos conceitos “sexo e gênero”. A esse respeito ler “Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade” (2003), de Judith Butler.

que quem pensa dessa maneira acredita que a mulher é incapaz de refletir, pensar e estudar, sendo “apta somente para oferecer-lhe agradáveis passatempos” (FLORESTA, 1989, p.64). Contraditoriamente, a mulher, que encontramos, por exemplo, na obra *Direito das Mulheres e Injustiça dos homens*, de 1832, é aquela que tinha condições de ir além e atuar na sociedade em que vive, administrando cargos públicos, políticos. Na obra *A Mulher*, essa tinha também, o papel de conduzir as atitudes dos homens ao bem geral de seus semelhantes (FLORESTA, 1997, p. 125). À medida que Nísia Floresta afirma a importância da mulher, ela fortalece a lógica patriarcal, da mulher como mantenedora do poder patriarcal.

Se a natureza deu à mulher um corpo menos robusto que ao homem, não tem ela, por isso mesmo, mais precisão do exercício de suas faculdades intelectuais para que possa melhor preencher os deveres de filha, esposa e mãe, sem descer do artifício? (FLORESTA, 1989, p. 64).

A referida autora afirmou que o rumo do Brasil mudava, “mas não a sorte de suas mulheres” (FLORESTA, 1989, p.65). A luta na educação, que Nísia Floresta se dedicou durante toda a sua vida, foi em busca da *dignidade* feminina, palavra que, tantas vezes, aparece na obra *Opúsculo Humanitário*. Floresta lutou pela educação das mulheres, pois acreditou que estas mereciam respeito e uma posição melhor na sociedade, sendo honradas por suas capacidades. Porém, essa dignidade estava voltada para o seu papel social – o de ser uma digna mãe e esposa.

A educação que Floresta propõe pensa a inserção da mulher na sociedade na medida em que as moças passariam a ter domínio e influência nas vidas dos maridos e filhos (as), colaborando para a ordem social. A autora coloca a mulher na condição de ser capaz de melhorar a sociedade, com a simples prática

de suas virtudes (FLORESTA, 1997, p. 131), mas, para isso, obviamente as mulheres teriam que querer. Essa melhoria da sociedade se daria porque as mulheres influenciariam seus homens e filhos (as) a terem uma vida também virtuosa.

Encontramos na filosofia de educação nisiana a ideia de uma mulher que “exercita o coração”. Aquela que ainda deve deixar aos homens as teorias mais eloquentes; os argumentos científicos, as discussões acerca do progresso. A questão moral parece estar à frente do seu pré-feminismo em algumas passagens de sua obra. A mulher teria tarefa principal no que ela chamou de “ressurreição moral dos povos” (FLORESTA, 1997, p. 133).

A autora reforça a ideia de uma educação científica elitista. Os valores morais são fundamentais no seu pensamento e chama a atenção das mães, pedindo: “Dedicaí-vos com mais atento cuidado ao estudo de vossas crianças, venci vossa fraqueza pelos seus graciosos errinhos; daí um basta àquelas longas teorias, as quais, antes de beneficiá-las, aborrecem-nas” (FLORESTA, 1997, p. 143).

Na obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos homens*, Floresta trata da necessidade dos homens pensarem na equidade. Vejamos alguns excertos:

Em uma palavra, se os homens fossem Filósofos (tomando esta palavra em seu rigor) descobririam facilmente que a Natureza constitui uma perfeita igualdade entre os dois sexos. Mas como há poucos que sejam capazes de um pensar tão abstrato, nenhum direito têm mais que nós, de serem juizes nesta matéria, e por consequência, necessitamos de recorrer a um Juiz menos parcial, incapaz de deixar-se prevenir por alguma das partes e, por conseguinte irrecusável. Estas qualidades são visivelmente inerentes à razão bem apurada, pois que é uma faculdade pura e intelectual sem acepção por algum sexo e igualmente interessada no bem ser

de toda espécie racional em geral, e em particular [...] Enquanto eles não chegarem a esse ponto de equidade, as pechas imaginárias com que eles têm oprimido o nosso sexo e que se alguma aplicação têm, não podem recair mais que sobre um pequeno número dentre nós, que não me proponho justificar, não passarão senão como pequenas sutilezas a cuja sombra querem fazer passar as suas (FLORESTA, 1989, p. 31).

Floresta (1989, p. 75) afirmou que “seria preciso recorrer a tantos países, como um judeu errante, para achar nesse sexo invejoso e pouco generoso, alguns outros exemplos de uma semelhante equidade a nosso respeito”. Atualmente, há estudos de gênero e devemos levar em conta que Floresta tratou, nessa obra, sobre uma questão que hoje é bem atual, mas, até então, não havia sido falada. Outra relação de gênero analisada pela autora é que “quando se pretende exprobrar a um homem a falta de coragem, chama-se-lhe ‘afeminado’; quando se pretende exaltar a coragem de uma mulher, diz-se é um homem” (1989, p. 80). Cabe lembrar que Nísia Floresta viveu de 1810 a 1885, e que, nessa época, no Brasil, não tínhamos livros e mulheres denunciando os problemas de gênero. Com muita perspicácia e ousadia, o seu raciocínio, o seu pensamento, vai além com relação às questões acerca do preconceito de gênero. Assim, mesmo que versando uma filosofia da educação que visa à educação da mulher, sobretudo como uma preparação moral e religiosa, Floresta avança no que diz respeito à importância da educação para as meninas, uma educação que problematiza as relações de gênero no início do século XIX.

4 A obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, de 1832, e as reflexões sobre as relações de gênero

Esta obra, como o próprio título anuncia, é uma denúncia aos absurdos preconceitos contra as mulheres, existentes na sociedade no início do século XIX. Preconceitos que impediam as meninas de estudarem os mesmos conteúdos que os meninos, frequentarem os mesmos espaços sociais, optarem com quem iriam casar, por exemplo. *Direitos das Mulheres e Injustiça dos homens* fala da igualdade de inteligência que há entre homens e mulheres, reivindicando oportunidades para que as mulheres ocupem cargos em que, muitas vezes, são proibidas de atuar. Enfatiza a importância e a necessidade de as mulheres estudarem, bem como participarem da vida pública, como verdadeiras cidadãs. Obra editada em Recife, no ano de 1832 e, em 1833, em Porto Alegre.

Até hoje só se tem tratado superficialmente da diferença dos dois sexos. Todavia os homens arrastados pelo costume, prejuízo e interesse, sempre tiveram muita certeza em decidir a seu favor, porque a posse os colocava em estado de exercer a violência em lugar da justiça, e os homens de nosso tempo guiados por este exemplo, tomaram a mesma liberdade sem mais algum exame, em vez de (para julgar cordadamente se seu sexo recebeu da Natureza alguma preeminência real sobre o nosso) se terem despedido inteiramente da parcialidade e interesse, e não se apoiarem sobre os “assim dizem”, em lugar da razão, principalmente sendo autores e ao mesmo tempo parte interessada (FLORESTA, 1989, p. 30).

Alguns estudiosos de Nísia tratam esta obra como uma “tradução livre” da obra *Vindication of the rights of women*⁸ (1792), da feminista inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797),

⁸ *Reivindicação dos direitos da mulher* trata-se de um pronunciamento contra a exclusão política das mulheres na Revolução Francesa. Esse texto surgiu em Londres, em 1792. Foi a edição francesa que Nísia Floresta utilizou para elaborar sua obra.

outros afirmam que a autora teria apenas se inspirado na obra. Constância Duarte (1989) diz que Nísia Floresta não fez uma mera tradução literal, mas “tomou emprestadas” as reivindicações de Mary Wollstonecraft, “para enfrentar os preconceitos da sociedade patriarcal brasileira e postular com ardor e inusitada erudição a liberdade e o acesso feminino às ciências, à filosofia e aos postos de comando” (p. 19 e 20). Constância Duarte (1989-b) afirma que:

Nísia não realiza propriamente uma tradução do texto feminista. Ela realiza, sim, um outro texto, o seu texto sobre os direitos das mulheres. Mary Wollstonecraft lhe dá a motivação ao colocar em letra impressa questões pertinentes à mulher inglesa, voltadas naturalmente para o público de seu país. Nísia como que realiza uma “antropofagia libertária” (p. 107).

Para Duarte (1989) talvez nessa “tradução livre” temos o texto fundante do feminismo brasileiro, se o vemos como uma nova escritura, ainda que inspirado na leitura do outro (p. 108). Duarte (1989) vê essa obra de Nísia como uma resposta brasileira ao texto de Mary. “Nossa autora se colocando em pé de igualdade com Wollstonecraft e até com o pensamento europeu, estabelecendo, assim, o elo entre as ideias europeias e o público nacional” (p. 108). Duarte (1989, p. 20) conta que:

Como a feminista inglesa, que em seu texto ataca os preconceitos sociais de sua época e demonstra que as mulheres são seres humanos, com direito à mesma educação que os homens recebiam, Nísia Floresta também assim o faz. Apenas à sua maneira, segundo sua experiência e mais de acordo com as especificidades da mulher brasileira.

Para Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (1996, p. 168), “jamais houve a aclamada tradução para o português da polêmica obra de Mary Wollstonecraft”.

No artigo intitulado *A Mary Wollstonecraft*, que o Brasil conheceu, ou na travessura literária de Nísia Floresta, Burke diz que tal autora “não desempenhou o papel de difusora das ideias emancipatórias de sua predecessora inglesa, cuja tradução até hoje ainda está por se fazer” (p. 169). Nesse artigo, Maria Lucia Burke busca evidenciar o que ela chama de “complexa e criativa estratégia”, que Floresta teria usado para se fazer ouvir num ambiente preponderantemente hostil às ideias emancipatórias femininas (BURKE, 1996, p. 169). Burke (1996, p. 177) diz ter encontrado o “enigma sobre o que fez Nísia Floresta no lugar da proclamada tradução de Mary Wollstonecraft” e conta-nos: “Ela traduziu livremente e na sua totalidade um livreto de 1739, intitulado *Woman Not Inferior to Man*, cujo autor, ou autora, desconhecido (a) se escondia e ainda se esconde sob o pseudônimo de Sophia, a Person of Quality [...]” (BURKE, 1996, p. 178). Burke (1996) afirma que “foi o *Woman not Inferior to Man*, de Sophia, integralmente conhecido do público brasileiro desde o ano de 1832” (p. 179). Outra versão é que Floresta teria traduzido o livro de Mistriss Godwin. Independentemente do que de fato tenha ocorrido, o que importa, para os estudos de gênero, bem como os estudos feministas, é que o reconhecemos como o primeiro gesto de emancipação feminina.

Para Sledziewski (1991), *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, de Mary Sobrenome é, mais do que um programa militante, um livro sobre o estatuto da diferença entre os sexos na sociedade ocidental em mutação. O seu objetivo principal não é conseguir que as mulheres se tornem protagonistas políticas em igualdade com os homens, mas antes fazer com que a sua responsabilidade na cidade seja reconhecida. Para Mary Sobrenome, à mulher, compete escolher o seu destino, e a maternidade deve ser vivida como uma tarefa cívica. Assim como Nísia Floresta (1832), ela disse serem os homens responsáveis por

não terem confiado às mulheres o cuidado de refletir sobre a sua própria vocação, impondo-lha como um castigo. Sledziewski (1991) destaca que o mais importante para Mary Sobrenome é a sua ideia de que a emancipação do sexo oprimido não passa pela negação da sua identidade. “Para Mary Wollstonecraft, não pode haver liberdade autêntica fundada na renúncia das mulheres ao seu ser: ou seja, à sua qualidade de sujeito racional e sexuado” (p. 55). Mary Sobrenome é uma revolucionária por abrir o horizonte de futuras feministas para uma maneira feminina de julgar e por fazer a crítica para a lógica racionalista masculina, que até então dominava a civilização (SLEDZIEWSKI, 1991, p. 55). O apelo de Mary Wollstonecraft mantém-se por todo o século XIX, não tendo textos reivindicativos segundo as suas ideias (DEMARLE, 1991, p. 183). Nísia Floresta reivindica o tempo todo, na sua obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1989-b), uma sociedade menos androcêntrica:

Os homens não podendo negar que nós somos criaturas racionais, querem provar-nos a sua opinião absurda, e os tratamentos injustos que recebemos, por uma condescendência cega às suas vontades; eu espero, entretanto, que as mulheres de bom senso se empenharão em fazer conhecer que elas merecem um melhor tratamento e não se submeterão servilmente a um orgulho tão mal fundado (FLORESTA, 1989-b. p. 41).

Contudo, é importante destacarmos os “encontros de Nísia com Mary” na obra aqui apresentada, bem como a necessidade de conhecermos a obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, de Nísia Floresta, para pensarmos Gênero no Brasil. Floresta deixa claro, na obra *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1989) e no seu conjunto de obras que versam sobre a educação feminina, que é através da educação que as mulheres terão uma vida digna. A mulher

educada, segundo a filosofia de educação nísiana, seria uma melhor mãe, esposa e estaria, assim, sendo uma cidadã, capaz de contribuir para a sociedade.

Os conceitos morais também estão presentes nas obras dessas duas autoras. A prática da virtude e dos bons costumes é aclamada por Floresta em todas suas obras, que, assim como Wollstonecraft, evidenciou o papel educativo das mães e esposas como útil para a sociedade. Contudo, para Burke (1996, p.187), “os valores do casamento e da maternidade não eram centrais como em Wollstonecraft”. Burke diz que “o maior empenho de Sophia⁹, assim como fora o de Poulain, era para conscientizar a mulher da sua capacidade-igual ou até superior à do homem-e do seu direito de desempenhar papéis tradicionalmente masculinos” (p.188). Nas obras de Nísia Floresta, encontramos tanto a reivindicação pelo reconhecimento de que a mulher tem capacidade para desempenhar os papéis que os homens desempenhavam, quanto a valorização da mulher como “mãe”, “esposa” e “filha”. Floresta viveu a contradição de ser mãe e estar no caminho da ciência. Por isso, hoje, reconhecendo suas dificuldades e limitações típicas da época, não podemos deixar de dizer que Nísia Floresta é atual, pois nunca se falou tanto da dificuldade de ser mãe e manter um casamento ao mesmo tempo em que esteja estudando e pesquisando.

Floresta teria admirado as ideias de Mary Wollstonecraft e nela teria se inspirado (BURKE, 1996, p. 185). E, “como Nísia, Mary também infringira as convenções, vivera ligação ilegítima, fora mãe solteira e sofrera duras críticas por tais transgressões” (p. 185). Burke (1996) destaca, ainda, que ao fazer de Wollstonecraft, a autora do *Woman not Inferior to Man*, Nísia Floresta estava, de certo modo, dizendo que essa era a obra que mais condizia com alguém

⁹ Este é o pseudônimo utilizado por uma autora ou um autor (mais provavelmente autora), desconhecido (a). Foi escrito cerca de 100 anos antes de Nísia Floresta “traduzir”, em 1743. Esse texto, segundo Burke (1996) teria também sido plagiado (grande parte do texto) de Poulain de La Barre.

que desafiara tão arrojada e revolucionariamente as convenções sociais (p. 87) e “traduzir esse texto era, por si só, um ato revolucionário e marcava a fase inicial de uma trajetória intelectual que iria, no seu processo, recuar para respostas menos radicais e talvez mais realistas” (p. 189). Na obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, Floresta não se posiciona de maneira revolucionária. Esta é uma das questões (conservadorismo) que a pesquisadora Constância Duarte (1989) revela e que Burke (1996) também salienta:

Burke (1996) acredita que o que Nísia Floresta fez não foi nada além do que era comum naquele período (início século XIX). Para aquela autora, a obra aqui estudada faz parte da “mesma ambição de desafiar a ideologia patriarcal, problemática comum a outros tratados feministas” (Burke, 1996, p. 170). A única semelhança entre o texto de Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta, para Burke, se dá ao fato de serem textos feministas (BURKE, 1996, p. 170). A referida autora (1996, p. 172) afirma que “Nísia teria optado pela ‘infidelidade criativa’, a que se somava uma argumentação mais ordenada e refinada do que a do confuso e repetitivo texto inglês”; mas salienta que “as letras e o feminismo brasileiros têm motivos ainda maiores para se orgulhar da façanha de Nísia Floresta e do texto que ela pretendeu dar aqui início à batalha pelos direitos da mulher” (BURKE, 1996, p. 192). Alguns elogios dados à Nísia Floresta, nesse artigo, merecem ser destacados:

[...] Nísia poderia ter decidido reescrever um texto produzido no calor do momento e em defesa de uma causa que exigia imediata ação. Nesse caso, aprimorando uma obra valiosa em idéias, mas falha em forma, e adaptando-a à cultura local, seu trabalho talvez pudesse ser uma daqueles felizes casos lembrados por Borges em que a tradução supera o original (BURKE, 1996, p. 172).

Além disso, tanto Constância Duarte (1989, p. 18-120) quanto Burke (1996, p. 173) elogiam a eloquência retórica de Nísia Floresta. Burke (1996) fala de uma “filiação mais estreita”:

Ambas fundaram escolas, escreveram tratados sobre educação das “filhas”, exerceram a atividade de jornalistas, de tradutoras e não parecem ter-se inibido com as dificuldades que depararam em seus caminhos e com o fato de serem “excomungadas da ortodoxia patriarcal”, para usar as palavras de Gilberto Freire a propósito de Nísia Floresta. Como viajantes, ambas se fizeram acompanhar pelas filhas e não por maridos, companheiros ou tutores, como era o usual e entremearam as descrições entusiasmadas dos lugares visitados com longas passagens em que revelavam, em tom confessional e apaixonante, suas angústias, desilusões, lembranças e esperanças. Em certo sentido, as duas escritoras combinavam reflexões audaciosas, inteligentes e independentes, com considerações eivadas de melancolia e sentimentalismo. As duas, se sabe, fizeram suas viagens transtornadas por profundos desgostos amorosos que transparecem periodicamente em seus relatos [...] (BURKE, 1996, p. 190).

Duarte (1989-b) aponta distinções entre Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft. Ambas (Wollstonecraft e Floresta) denunciam as tolices ditas por autores e filósofos; falam da opressão e do preconceito na sociedade patriarcal; falam dos modelos femininos; e as duas criticam comportamentos femininos. Nísia Floresta, por exemplo, criticou a maneira que as francesas deixavam seus filhos com as amas de leite, ela não propôs uma revolução; mas Mary Wollstonecraft sim. Essa é uma das questões que Constância Duarte (1989-b) nos chama atenção, dizendo que não podemos deixar de pensar que Floresta é, em todos os sentidos, fruto de seu tempo e ela conciliou com as práticas dominan-

tes, ou cedeu às forças da hegemonia ideológica da elite patriarcal, à medida que recuou e não falou em revolução e independência econômica¹⁰ (p. 124). Constância Duarte (1989-b) considera o fato de Nísia Floresta ter apenas 22 anos, e Mary Wollstonecraft, 33 anos, outro ponto importante, pois aquela ainda não teria escrito como esta e amadurecido bem suas ideias.

Concordamos com Duarte (1989-b) que Floresta foi “uma mulher educada entre as que surgiram no Brasil patriarcal e também uma das raras mulheres de letras de seu tempo [...] foi também uma brasileira erudita e ‘ilustrada’, como bem poucas em nossa história” (DUARTE, p. 134). Assim, reconhecemos os limites de Nísia Floresta, a eles chamamos de contradições, pois, de fato, em vários momentos, tal autora não avança, ela faz a crítica à educação feminina; às escolas da época; aos gestores; às vaidades e futilidades de seu tempo; aos preconceitos e injustiças dos homens. Aponta que a solução é a educação feminina, mas escreve uma filosofia de educação que serve como mantenedora da lógica patriarcal.

Ao tratarmos de uma “travessura literária¹¹” de Nísia Floresta, é importante destacarmos que, na obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, a autora não fala por ela mesma, mas não deixa de dar um “salto”, bem como mostrar a sua visão crítica do presente, o ineditismo e a ousadia que tanto “pasmaram” os que dela tiveram notícia” (DUARTE, 1989-b, p. 124-125). Duarte (1989-b, p.125) salienta que “é preciso ter consciência que também tivemos a nossa Mary Wollstonecraft- a possível, dentro do quadro social e ideológico que a realidade brasileira permitia”. Duarte (1989-b, p.132) mostra que “as ideias de emancipação tomam novo impulso nos anos seguintes às três edições dos Direitos das Mulhe-

¹⁰ Grifos nossos.

¹¹ Burke (1996, p. 191) usa essa expressão e a define como “a astúcia de Nísia em romper com as regras convencionais do mundo das letras para enfrentar mais diretamente questões sociais”.

res e Injustiça dos Homens e que, aqui e ali, encontram-se ressonâncias do mesmo pensamento expressado por Nísia”. Assim, podemos considerar que foram contextos diferentes, realidades diferentes, influências teóricas e estruturas de vida diferentes que nortearam a vida dessas mulheres (Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft).

Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (1996, p. 168) afirma que “jamais houve a aclamada tradução para o português da polêmica obra de Mary Wollstonecraft”. Burke (1996) apresenta sua análise sistemática dos dois textos, o de Mary Wollstonecraft e o de Nísia Floresta e diz que:

As adaptações, adições, alterações e até mesmo eventuais deturpações das ideias da obra original seriam, pois, estudadas a fim de se evidenciar a complexa e criativa estratégia usada pela tradutora para se fazer ouvir num ambiente preponderantemente hostil às ideias emancipatórias femininas (p. 169). Burke (1996) apresenta o contexto social e sua história de vida para falar dos possíveis motivos que fizeram Nísia “forjar” uma tradução (BURKE, 1996, p. 184).

Pensando nos motivos que levaram Floresta a fazer esta “travessura literária”, Burke (1996) lembra que, em 1832, ao publicar sua tradução, Nísia Floresta, com apenas vinte e dois anos, já havia passado por duras experiências. Vivera os tempos conturbados de duas revoluções que abalaram o Nordeste brasileiro e afetaram sua vida familiar: vira seu pai, um advogado português, ser perseguido pelos antilusitanos; casara-se aos treze anos; abandonara o marido pouco depois; mudara-se do Rio Grande do Norte para Olinda, onde a família procurava menor animosidade, mas onde o pai é assassinado; fora perseguida e ameaçada pelo primeiro marido; passara a viver com um jovem acadêmico de Olinda numa ligação ilegítima; adquirira fama de adúltera; tivera dois filhos e per-

dera o primogênito. Além disso, Burke (1996, p.185) salienta:

Criada nos padrões patriarcais da época, mas tendo de enfrentar muito cedo as dificuldades de alguém que infringe convenções. Nísia provavelmente vivia nessa época um período de grande questionamento e rebeldia, propício a abraçar ideias que no futuro lhe pareceriam demasiado ousadas. O ambiente cultural relativamente progressista de Olinda e sua ligação com um estudante da Faculdade de Direito devem ter sido extremamente importantes para sua formação intelectual e lhe propiciado contato com as obras de Wollstonecraft e Sophia (BURKE, 1996, p. 185).

A obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* foi dedicada, por Nísia Floresta, às brasileiras e aos acadêmicos brasileiros. Às mulheres, porque ela espera uma mudança de comportamento, envolvida na virtude, a fim de que as qualidades “amáveis” e “naturais” sobressaíam frente à “ignorância” dos homens de seu tempo. E à mocidade acadêmica, porque é depositada nela a esperança de mudar a situação “infeliz”, em que as mulheres são privadas das vantagens de uma boa educação e proibidas de desenvolver o que a autora chamou de “talentos naturais” (FLORESTA, 1989, p. 22). Na dedicatória desta obra, Nísia Floresta deixou claro o que esperava dos futuros profissionais (acadêmicos), que estes fizessem justiça e, caso não mudassem a ordem das coisas na sociedade patriarcal, que pelo menos as mulheres tivessem mais dignidade para viver.

Imbuída do espírito e dos ideais divulgados pelo Iluminismo, a autora coloca, desde o início, os conceitos filosóficos fundamentais em que se apoiará no desenvolvimento de sua argumentação. Entre eles, e em posição de destaque, temos o “primado da razão”, isto é: a crença de que o homem tem uma vantagem única sobre os demais seres

vivos, porque pode raciocinar. Para os iluministas, a ênfase no uso da razão é o melhor método para se alcançar a verdade. Com base nessa exigência – a razão – Floresta desmontará toda argumentação masculina de superioridade (DUARTE, 1989, p. 24). Na introdução, ela aponta o caminho que fará para escrever a obra:

[...] examinemos, por ordem, quais são as ideias gerais que os homens concebem de nosso sexo, sobre que fundamento baseiam suas opiniões e quais são para nós e eles os efeitos do tratamento, que temos recebido, em consequência dessa sua opinião. Examinarei de passagem no curso deste pequeno livro, se há alguma diferença essencial entre os sexos que possa justificar o império que os homens arrogam sobre nós, quais são as causas e como se deve explicar a diferença aparente, que forma sua pretensão (FLORESTA, 1989, p. 32).

Como vemos, Nísia problematiza as relações de gênero da época e luta pela equidade de gênero quando não se pensava em direitos humanos. Denunciou a exclusão das mulheres nas ciências, questionando e denunciando o que ela chamou de “círculo vicioso”, que nada mais era do que o preconceito de gênero.

[...] seja-me permitido notar o círculo vicioso em que esse desprezível modo de pensar tem colocado os homens sem o perceberem. Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos; e por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência (FLORESTA, 1989, p. 52).

Nesta obra, Nísia Floresta se propôs a refutar o que denominou de “costume sem fundamento”. Esse costume é o preconceito de gênero denunciado por Nísia Floresta. O costume que Floresta se refere é o de acreditar que os homens eram seres superiores e acre-

ditar que eles tinham “direito de superioridade” (FLORESTA, 1989, p. 21). Para a autora, “o costume tem sepultado os homens”, e, ainda que seja um dos maiores absurdos a extrema diferença que eles constituem entre o seu e nosso sexo, não havia erro popular mais antigo e mais universalmente acreditado para Nísia Floresta (1989, p. 28). Ela questionou os motivos que os levaram a pensar dessa maneira. Denunciando como os homens tratam as mulheres, Floresta criticou o desprezo dos homens com relação ao “emprego de cuidar dos filhos (as)”; falou da ingratidão dos filhos com suas mães. No capítulo II, intitulado “Se as mulheres são inferiores ou não aos homens, quanto ao entendimento”, Nísia Floresta buscou entender em que fundamentos os homens baseiam as ideias que têm sobre as mulheres e deixou claro que as diferenças que existem entre homens e mulheres vêm da educação.

Para Nísia Floresta, “o conhecimento de nós mesmas e de outras muitas coisas é absolutamente necessário para aumentar-nos a persuasão de nossas obrigações morais” (1989, p. 50). Floresta acreditou que as mulheres deveriam se dedicar às ciências e ao estudo, pois, para ela, era “um grande absurdo pretender que as ciências são inúteis às mulheres, pela razão de que elas são excluídas dos cargos públicos, único fim a que os homens se aplicam. A virtude e a felicidade são tão indispensáveis na vida privada, como na pública, e a ciência é um meio necessário para se alcançar uma e outra” (FLORESTA, 1989, p. 51). Nísia Floresta acreditava que se as mulheres não têm acesso a empregos como os homens é porque foi negado a elas o direito de estudar. O acesso das meninas à educação é a solução para a desigualdade entre os sexos. E, para modificar essa situação, é preciso destruir os fundamentos preconceituosos existentes na sociedade, referentes às mulheres.

Ao escrever sobre o fato das mulheres serem ou não próprias a preen-

cher os cargos públicos, Floresta deixou claro que se as mulheres estavam sendo privadas do poder e de privilégio, isso não era por falta de merecimento e de capacidade das mulheres, o que ela chamou de “capacidade natural”, “mas sim por falta de um igual espírito de violência, de uma injustiça manifesta e de uma opressão ilegítima, como a deles” (FLORESTA, 1989, p. 64). A autora chamou de “tirânica” e “injusta” as desvantagens que as mulheres sofriam na época, pois as mulheres eram pelo menos tão capazes como os homens de preencher aquelas funções que não era permitida às mulheres. Criticou severamente os homens, denunciando “o erro e a ignorância degenerada em hábito”, que nada mais é do que chamamos hoje de preconceito de gênero:

Todavia seu entendimento é tão fraco e seus órgãos tão pouco dispostos a escutar a voz da razão, que o costume os tem tornado escravos os mais decididos de seu senso, do que não o somos por sua usurpação: estão tão acostumados a ver as coisas tais quais agora são, que não podem imaginá-las de outra maneira (FLORESTA, 1989, p. 64).

Ela provocava os homens a pensar de outra maneira, denunciava o preconceito em sua época e lutava para as mulheres estudarem e seguirem carreiras:

Nada seria tão admirável para eles, que imaginar uma mulher combatendo à frente de um exército, dando leis sobre o trono, advogando causas, administrando justiça em um Tribunal de magistratura, marchando pelas ruas precedida de espadas, lança e outros sinais de autoridade como os Magistrados; ou ensinando Retórica, Medicina, Filosofia, ou Teologia, na qualidade de professora de uma Universidade [...] por um pouco que se considere as mulheres como criaturas racionais e se afaste por um momento as desvantagens, que a sua usurpação injusta e tirânica tem lançado sobre

elas, ver-se-á que são pelo menos tão capazes como eles, de preencher aquelas funções (FLORESTA, 1989, p. 64-65).

Nísia Floresta também criticou os filósofos, tentando mostrar que as mulheres são tão capazes quanto eles de escrever e produzir obras. Acreditando que as mulheres podem fazer tantos progressos como os homens, disse que “não há ciência, nem cargo público, no Estado, que as mulheres não sejam naturalmente próprias a preenchê-los tanto como os homens” (1989, p. 73). E conclui que:

[...] se não nos veem nas cadeiras das Universidades, não se pode dizer que seja por incapacidade, mas sim por efeito da violência com que os homens se sustentam nesses lugares e em nosso prejuízo [...] (1989, p. 69).

Ao falar sobre as questões de gênero e sobre a maneira que as mulheres eram educadas, a autora falou dela mesma:

Muitas mulheres são intrépidas como os homens; e falando de mim, eu afrontaria mais facilmente, e com menos repugnância, o furor de uma armada vitoriosa, a que teria valor de resistir, do que a solicitar a benevolência de um Ministro corrompido, que com razão eu desprezaria (FLORESTA, 1989, p. 84).

Nísia Floresta acreditava na equidade de gênero e provocava a reflexão sobre o assunto. Para ela, é a injusta opressão dos homens que priva as mulheres de direitos, e essa injustiça era considerada, por ela, fácil de refutar. Floresta disse que não tinha a intenção de revoltar as mulheres contra os homens; mas, certamente, ela contribuiu para os estudos de gênero, a fim de erradicarmos o preconceito de gênero e a violência contra as mulheres, ainda existente. Nísia Floresta estabeleceu critérios em suas obras, que idealiza-

vam uma sociedade que oportunizasse educação de qualidade para as moças; acesso das mulheres à vida social, em que o sentimento moral estivesse presente. Podemos dizer que a sua filosofia da educação era uma filosofia moral, pois era do sentimento moral, de caráter intersubjetivo, comum aos diversos grupos humanos (índios, pobres, negros, escravos, mulheres, crianças, homens), que a referida autora versou. Ela vislumbrou a necessidade de identificar princípios que inserissem as mulheres na sociedade, dentre eles, estava a necessidade de as mulheres estudarem não para obterem posições sociais melhores ou piores, mas para obterem o seu reconhecimento nas posições sociais típicas da mulher de sua época.

Nísia Floresta lutou e efetivou uma situação que colocaria as moças (que estudavam) no caminho da independência e da dignidade, visto que muitas mulheres, até então, viviam como sombras de seus maridos. Poucos intelectuais brasileiros falavam sobre a educação para as meninas e/ou mulheres. Nesse aspecto, sem dúvida, Nísia Floresta foi uma mulher que esteve à frente de seu tempo. Após a passagem dessa ilustre mulher, resta-nos resgatar o conhecimento que tinha (fora do comum) sobre a realidade educacional no mundo e no Brasil; e mostrar o que ela via na sociedade, acerca das relações de gênero para, então, pensarmos nossos avanços e apontarmos o que ainda não foi superado. Alguns avanços, quanto à maneira que as mulheres são tratadas em nossa sociedade, já estamos tendo, avanços que foram dados com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, especialmente em cargos que anteriormente apenas os homens poderiam atuar. Também com o acesso à educação, aos cargos públicos e a participação na vida pública e política.

Nísia Floresta acreditava que gradualmente o preconceito seria superado, e os homens diminuiriam e reformariam seus maus procedimentos para com as

mulheres (FLORESTA, 1989, p. 91). Floresta afirmou que nós, mulheres, capricharíamos em aperfeiçoar nossos talentos, que melhor adquiriríamos os conhecimentos (1989, p. 91). Isso, de fato, tem acontecido, mas, de uma maneira ou outra, ainda encontramos homens que nos fecham as portas de entrada às ciências. Dizemos isso, pois comprovamos, na nossa pesquisa de mestrado, que mulheres que atuam na Filosofia tiveram e ainda têm seu acesso negado quando tentam lecionar em cursos de graduação e pós-graduação ou trabalhar algum tema que não seja o clássico da Filosofia, como por exemplo, o estudo das questões de gênero. No campo da Filosofia, é apenas um exemplo, pois, na história e nas ciências, tivemos muitas mulheres excluídas. Citamos Nísia Floresta (1989, p. 91):

[...] enquanto os homens nos fecharem toda a entrada às ciências, eles não poderão, sem fazer recair sobre si toda a repreensão, lançar-nos ao rosto as faltas de conduta que a ignorância nos faz cometer e nós acusaremos sempre de injustiça e crueldade os desrezos e maus tratamentos que eles têm para conosco [...]. (FLORESTA, 1989, p. 91)

Contudo, precisamos reconhecer que Nísia Floresta Brasileira Augusta lutou, há quase dois séculos, pelo acesso das mulheres a uma educação que pudesse torná-las legítimas cidadãs. A autora colocou, literalmente, a responsabilidade desse problema social na maneira “tirânica” de pensar e agir dos homens, denunciando o preconceito de gênero da época. Michèle Ferrand (1994) destaca a manifestação sutil da dominação masculina, que faz com que as mulheres sejam excluídas da prática das Ciências. Nesse texto, é apresentada a exclusão na matemática e física. Diante de suas constatações, Floresta (1989) diz que, para interrogar sobre os processos sociais que chegam a tal fenômeno, eram possíveis dois caminhos: o

primeiro, interrogando as meninas que fracassaram; e o segundo, interessar-se pelas moças que conseguem invadir esses espaços masculinos, por compreender como elas conseguem ter acesso a estas formações de prestígio, e em que a análise de suas trajetórias singulares, de suas disposições peculiares, esclarece sobre a ausência e a exclusão das outras. Nesse sentido, além de Nísia Floresta invadir um espaço predominantemente masculino em sua época, ela contribuiu para que outras mulheres tenham a mesma vivência. Para Nye (1988), “as mulheres poderiam tomar os argumentos do próprio adversário, voltá-los contra ele, e gerar uma sociedade humana que incluísse as mulheres” (NYE, 1988, p. 15), e isso Floresta já fazia ao analisar e problematizar a exclusão das mulheres em diferentes espaços, bem como ao denunciar o preconceito de gênero.

5 Considerações finais

Nísia Floresta ora falou com a linguagem conivente da escritora viajante, consciente do potencial e da atuação das mulheres no mundo desenvolvido; ora como estudiosa dos costumes de outros povos, uma legítima antropóloga, ou, se preferirmos dizer, – socióloga. Contudo, é com a severa fala moralista que a referida autora se posicionou em todas as suas obras que organizam o seu pensamento sobre a educação das meninas. A crítica social (contra injustiças às mulheres, aos negros e aos pobres) esteve junto a sua proposta de educação para as meninas – uma austera educação moral, de ideologia liberal.

Para compreendermos melhor a filosofia de educação nisiana, foi preciso levar em conta que, em alguns momentos, a autora não falou por si mesma, como é o caso da sua obra *Direitos das Mulheres e injustiça dos homens*. A partir disso, foi possível visualizar com mais clareza que, mesmo que Nísia Floresta escrevesse com tom reivindicatório, suas obras eram mo-

ralistas, portanto, o pensamento nisiano é normatizador. A partir da análise dos referenciais teóricos, vimos que a fala nisiana estava impregnada daquilo que ela vivia em seu cotidiano. Ela não separou a sua vida de seus escritos. Logo, os problemas que Floresta apontava eram transposições dos problemas de seu tempo, que ainda podem ser lidos em matérias de jornais da época, as quais mostram a venda de escravos como mercadorias, a educação privada como comércio, o preconceito contra as mulheres, o preconceito de gênero, bem como problemas das relações de gênero da época, como, por exemplo, o próprio preconceito e o fato dos homens não reconhecerem as atividades maternas como algo a ser valorizado. Do ponto de vista objetivo, o que nos importa agora é considerar que Nísia Floresta levou as cenas do cotidiano brasileiro e europeu para as suas reflexões sobre a educação das meninas, com algumas reivindicações: uma educação focada nas meninas e com disciplinas que iam além das tarefas ditas femininas; uma filosofia de educação que criticava o preconceito dos homens com relação às mulheres e, especialmente, a autora colocou na pauta das reivindicações a importância da educação para as meninas. Ela conseguiu oportunizar, na época, algo novo mesmo sem romper com as ideologias vigentes – o acesso de meninas burguesas em uma escola com disciplinas antes consideradas para meninos e estudo de outras línguas.

No que diz respeito a sua história de vida, Nísia Floresta fugiu à regra, mas não conseguiu romper ideologicamente com o que se esperava através da educação para as meninas para épocas (boas mães, esposas e filhas) na sua prática como educadora. Para construir a sua filosofia de educação, ela se agarrou na moralidade, que era um instrumento de construção de seu ideário de educação para as meninas. Nesse sentido, as meninas deveriam usar a razão, mas sem perder a cabeça! Os paradoxos estavam

presentes – as meninas deveriam ser educadas para serem legítimas cidadãs, e o despertar para a cidadania significava estar ao lado dos homens. Na busca por equidade de gênero, Floresta apontou o caminho da ciência, e, mesmo que o acesso à educação servisse para que os homens reprovasses menos as mulheres, esta busca por equidade de gênero pode ter sido o seu maior feito, pois, para ocorrer uma reforma na educação brasileira, o preconceito de gênero deveria ser coibido. Seguir o coração, ser virtuosa e uma “matrona esclarecida” eram as máximas do ideário educacional proposto na sua filosofia de educação. Não havia um desejo de emancipação da mulher (como poderíamos esperar de uma pré-feminista), mas um aparente “modernismo antipatriarcal”.

O suposto “modernismo patriarcal” pode ser notado em alguns pontos: quando Floresta (1989) afirma que as mulheres apresentam o mesmo potencial do que os homens para a ciência; quando a autora “sonha” com o dia em que as mulheres atuariam na política e em diferentes órgãos públicos; quando ela faz a crítica ao descaso com as meninas do interior das províncias, condenadas à sorte de suas mães sob o regime colonial; quando problematiza as relações de gênero entre homens e mulheres. No entanto, era o melhoramento moral que Nísia Floresta buscava. Por isso, relacionava a função social da mulher e a importância de uma educação para as meninas pela via moral, de cunho católico, insistindo na importância da família e na dignidade feminina. A família dá o paradigma à sociedade, os rumos para a civilização, e esse é um pensamento que encontramos no positivismo comteano, que se relaciona com as tradições religiosas (em Nísia Católica) e patriarcais. Floresta, durante suas reflexões vislumbrou o progresso e fez críticas ao provincianismo brasileiro, desejando que a educação que os países mais desenvolvidos, “as nações cultas”, davam à mocidade fosse copiada no Brasil.

A ambiguidade na filosofia de

educação nisiana também pode ser avaliada através do percurso que Nísia Floresta fez: tomemos a sua militância, considerada hoje “pré-feminista”, em que, no Brasil, publicava obras de cunho reivindicatório (independentemente se fosse plágio ou não), com as quais desejava a melhoria da condição de vida das meninas e, mais tarde, quando adultas, tornassem-se “matronas esclarecidas”, com uma função social bem definida: doutrinar, educar moralmente, dentro dos moldes cristãos e conservar a estrutura familiar. À medida que a menina se torna mais esclarecida e aproveita os seus dons, a sua inteligência, ela volta para o lar, e, num andar em círculos, a mulher nisiana se constitui.

Floresta não rompeu com as convenções tradicionais. A conservação do pátrio-poder, presente nas suas obras e na sua proposta de reforma educacional para as meninas, servia para orientar o destino da humanidade através de seus filhos e filhas, bem como do marido. Oposta à vaidade, à falta de educação, ao descaso com os fracos e oprimidos, Nísia Floresta coloca a vida familiar como reparadora das chagas da civilização, e a mulher como uma redentora, aquela que iria tratar as feridas da humanidade. Aqui, talvez esteja o seu romantismo, quando apela ao coração das mulheres por ser este capaz de tornar a sociedade um lugar melhor, com seres humanos capazes de ajustarem-se à ordem estabelecida. Assim, não fica difícil de compreendermos como Nísia conseguiu instalar seus colégios em regiões centrais e próximas a clientela branca e rica.

A contradição, em Nísia Floresta, é conciliável e passou despercebida por muito tempo. Ela não provoca rompimentos, mas reflete e conserva. Suas obras são textos críticos, refletidos, em que vemos a crítica da dominação e da submissão a favor de quem detinha o poder. Ela fez da sua vida uma crítica à dominação e submissão das mulheres, mas não fez o mesmo na sua filosofia de

educação. Seria conformismo ou senso de realidade? Ela ofereceu educação às meninas, atuou nos limites da organização social da época e baseada nos valores cristãos. A religião fortificava as qualidades femininas e servia como “bússola”. As meninas tinham o direito de levar em conta os seus próprios desejos, mas não de segui-los: poderiam usar a razão, e não perder a cabeça.

A filosofia de educação nisiana é repleta de contradições. A saída que tal autora encontrou para iniciar a sua vida como escritora como educadora, movimentou escolas para meninas serem cidadãs ao lado dos homens. Foi astuta e construiu o seu próprio destino, mas engessou os de suas jovens educandas ao ensinar virtudes de mães exemplares e esposas dedicadas, contribuindo para a manutenção e conservação do patriarcalismo.

A ideia de sociedade, para Nísia Floresta, não sofre rupturas, mas, em alguns momentos, podemos até nos enganar ao fazer a leitura de suas obras. As boas famílias, as boas meninas e o progresso social opõem-se ao mundo obscuro dos pobres e dos negros. O mal parece não estar na desigualdade, assim como a escravidão não parece ser ruim para os negros, e sim para as famílias tradicionais da época. A lógica era levar as meninas a serem severas no amor familiar, seguindo o pensamento cristão e moralizando as diferenças sociais. A moralização da sociedade era o seu objetivo como educadora. Por isso, podemos dizer que Floresta transgrediu no ponto de vista pessoal e não no ponto de vista educacional, visto que educava as meninas para os mesmos fins que os dogmas morais do seu tempo.

Existe, em Nísia Floresta, uma ambivalência católica, que se insere no sistema de contradições presentes em sua filosofia de educação – o movimento de Floresta à favor das normas morais-cristãs não condiz com a sua postura de negação à opressão feminina e ao desrespeito matrimonial. A postura de negação à opressão feminina a transfor-

mou em uma pré-feminista brasileira, e o fato de ter se separado colocou muitas pedras em seu caminho. Outro aspecto que percebemos é que a rigidez, ou a “austera moral”, encontrada na sua filosofia de educação não abre espaço para catalogarmos virtudes primárias e secundárias. Todas as virtudes são igualmente necessárias e importantes para a educação das meninas, apontando um ideário feminino de “santa”, e não de “puta”, como Nísia Floresta foi acusada. A combinação de afetividade, inteligência e dedicação constrói a mulher virtuosa, idealizada por Nísia Floresta. Essa mulher entendia dos trabalhos ditos femininos, falava suavemente, lia admiravelmente, era graciosa, educada, tinha compaixão, ternura e maneiras finas de se comportar. Era paciente, digna, humilde e precisava de proteção da lei, tanto a lei divina quanto a dos homens. Obediente e servil, a mulher idealizada e educada por Nísia, deveria ser modesta a ponto de não deixar uma escrava servi-la em tudo, bem como amamentar os seus filhos. Por ser humilde, logo não era ambiciosa e poderia se dedicar exclusivamente como mãe e esposa. Assim, a mulher educada por Nísia Floresta luta pela estima da família e não para mudar de classe social.

De certa forma, a exigência moral da mulher reflete o patriotismo de Nísia Floresta, que acompanhava a sua terra natal, um lugar que não tinha a família como regra, em que os escravos estavam misturados à vida familiar, e as mudanças eram propostas pela corte. Para Floresta, a educação moral oferecida às meninas provocaria uma mudança naquilo que ela considerava sujo, impuro ou imoral. A educação para as meninas, baseada em uma “austera moral”, foi a solução encontrada pela referida autora para melhorar a sociedade brasileira, progredindo como os países tão admirados por ela. Assim, as jovens educandas não tinham direito de escolha, a não ser que transgredissem as normas impostas. Paradoxalmente, a

vida de Nísia Floresta foi marcada pela transgressão: ela estudou, viajou sozinha, ficou longe do filho Augusto por muito tempo e seguiu o seu caminho ao lado de sua filha, Lívia, que só a título de especulação lembramos que não quis se casar, não seguindo o pensamento de sua mãe. A título de curiosidade, por que será que Lívia não seguiu os conselhos de sua mãe e não se tornou uma “matrona esclarecida”? Talvez ela tenha podido escolher e conhecer apenas o que sua mãe chamou de “doçuras infinitas da vida intelectual” (1989, p. 44), no *Opúsculo Humanitário*.

Contudo, não podemos perder de vista que Nísia Floresta lutou para que as mulheres se inserissem na vida intelectual. Suas palavras demonstraram, em muitos momentos, o seu amor pelo estudo e a sua crença de que a vida intelectual era algo bom e necessário para as meninas. Além disso, naquela época, ela tinha a convicção de que quanto mais ignorante uma mulher fosse, mais fácil seria para um homem exercer poder e tentar impor suas ideias. E contra esse tipo de poder, mesmo que inserida nele, provou, através de seu próprio exemplo, que as mulheres tinham pleno potencial para a vida intelectual e deveriam ter acesso à educação. Floresta viveu numa época que limitava as mulheres a serem mães e esposas e ela mesma traçou o caminho da ciência, por isso consideramos fruto de seu tempo encontrar contradições nas suas ideias. Ela estava inserida num contexto social que era muito diferente daquele que ela buscou para viver posteriormente, no exterior, onde devem tê-la acolhido muito bem. Por isso, hoje, reconhecendo suas dificuldades e limitações típicas da época e da sociedade, não podemos deixar de reconhecer a luta de Nísia Floresta no que diz respeito à educação das mulheres, incentivando que as meninas de seu tempo estudassem para que em um futuro próximo as mulheres fossem como somos hoje, cidadãs que trabalham, estudam e ocupam cargos que eram determinadamente masculinos.

Referências

1. BURKE, M. L. G. P. **Nísia Floresta**, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural. Editora HUCITEC. São Paulo, 1996.
2. BUTLER, J. **Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Editora: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003.
3. DEMARLE, M. C. H. Ler e escrever na Alemanha. In.: PERROT, Michelle,
4. DUBY, G. (direção). **História das Mulheres no Ocidente - Vol. 4: O século XIX**. Edições Afrontamento, Porto, 1991, p. 171-198.
5. DUARTE, C. L. A Propósito deste livro. In.: **Introdução de Direitos das Mulheres e Injustiça dos homens**. Introdução e Notas de Constância Lima Duarte. Editora Cortez: São Paulo, 1989. p. 15-20.
6. _____. A tradução. In.: **Introdução de Direitos das Mulheres e Injustiça dos homens**. Introdução e Notas de Constância Lima Duarte. Editora Cortez: São Paulo, 1989-b. p. 107-134.
7. _____. A pioneira do feminismo brasileiro-b. In.: **Jornal Diário de Natal - DN EDUCAÇÃO**. Natal, 2006, p.18-20.
8. _____. **Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta**. Coleção Estudos Norte-Rio-Grandenses. Editora da UFRN. Natal, 2009.
9. FLORESTA, N. **Cintilações de uma alma brasileira**. Editora Mulheres. Florianópolis, 1997.
10. _____. A Mulher. In.: FLORESTA, Nísia. **Cintilações de uma alma brasileira**. Editora Mulheres. Florianópolis, 1997, p.82-159.
11. _____. Um passeio no Jardim de Luxemburgo. In.: FLORESTA, Nísia. **Cintilações de uma alma brasileira**. Editora Mulheres. Florianópolis, s/d, p. 183-203.

12. _____. **Opúsculo Humanitário**. Introdução e Notas de Peggy Charpe Valadares. Editora Cortez: São Paulo, 1989.
13. _____. **Direitos das Mulheres e Injustiça dos homens -b-** Introdução e Notas de Constância Lima Duarte. Editora Cortez: São Paulo, 1989-b.
14. _____. (Por N. F. B. Augusta) **Conselhos à minha filha**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Typ. Im. De Paula Brito, 1845.
15. _____. Máximas e Pensamentos para minha filha. In.: FLORESTA, Nísia (Por N.F.B. Augusta) **Conselhos à minha filha**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Typ. Im. De Paula Brito, 1845.
16. _____. **Fragmentos de uma obra inédita**. Notas Biográficas. Tradução de Nathalie B. da Câmara. Editora UnB: Brasília: 2001.
17. _____. **A lágrima de um Caeté**. Introdução e Notas de Constância L. Duarte. Natal: Fundação José Augusto, 1997.
18. _____. Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: DUARTE, Constância Lima. **Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta**. EDUFERN: NCCEN, Natal, 2009, p. 105-107.
19. NYE, A. **Teoria Feminista e as Filosofias do Homem**. Editora Rosa dos Tentos: Rio de Janeiro, 1988.
20. PISCITELLI, A. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas femininas. In.: AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas**. Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Coleção Gênero. Editora Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro: 1997, p. 49-65.
21. ROSA, G., R. **As relações de gênero na Filosofia: vivências e narrativas de professoras de Filosofia**, disponível no acervo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.
22. _____. Pensando Gênero e Educação. In: Encontro Internacional de Educação, 2005. **Anais do Evento**, 2005-a.
23. _____. Pensando em Gênero e Educação. In: III Seminário de Educação e Gênero, 2005. **Anais do III Seminário de Educação e Gênero**. Tocantinópolis, 2005-b. p. s/p.
24. _____. Pensando o feminismo de Nísia Floresta: Contribuições de uma filósofa e educadora pouco conhecida. **Anais do VII Encontro Internacional fazendo gênero-Gênero e Preconceitos**. Santa Catarina, 2006.
25. _____. Conhecendo a passagem de Nísia Floresta pelo Rio Grande do Sul. In.: **Anais do Evento: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8**; Florianópolis, 2008.
26. _____. As mulheres e o ensino de Filosofia: Desafios na fronteira do humano. In.: **UNirevista**, v. 1, n. 1. Encontrado em "Publicações eletrônicas" no site://www.unisinos.Br/publicações_cientificas/, 2005 (a), p. 1-19.
27. _____. Incluindo as Mulheres Filósofas nas Salas de aula. **Anais do 8º Seminário Internacional de Educação**. Novo Hamburgo, 2005, p. 195 – 206.
28. _____. Onde estão as filósofas da América Latina? **Anais do VII Corredor das Idéias**. Brasil, 2005-a.
29. _____. Desafios de Incluir questões de gênero, feminismos e mulheres nas salas de aulas In: **Encontro Internacional de Educação**, 2005-b. Gravataí. Disponível em: <http://www.encontrodeeducacao.org.br/biblioteca_trabalhos.php>.
30. _____. Onde estão as obras raras de filósofas, suas reflexões, biografias e referências nos livros didáticos? In: **Anais da Semana Científica do Unilasalle**. Centro Universitário La Salle: Canoas, 2005-c.
31. _____. **Também há mulheres filósofas: uma obra para pensar a Educação e a Filosofia**. Revista Educação: Vol.10, nº 1. Editora Unisinos: São Leopoldo, 2006.
32. _____. Nísia Floresta e a reforma na educação no Brasil em busca de equidade de gênero. In: STRECK, Danilo R.

Fontes da Pedagogia Latino-Americana - Uma antologia. Editora Autêntica. Belo Horizonte:2010, p. 89-104.

33. _____. **As relações de Gênero na Filosofia**. EDUNISC: Santa Cruz do Sul, 2012.

34. GIOLO, J. **A Instrução**. In.: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADDOIN, Maria Medianeira (direção); BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral). **Império** -Vol. 2. Méritos Editora. Passo Fundo: 2006, p. 449-489.

35. SLEDZIEWSKI, É. Revolução Francesa. A viragem. In.: PERROT, Michelle, DUBY, Georges (direção). **História das Mulheres no Ocidente** - Vol. 4: O século XIX. Edições Afrontamento, Porto, 1991, p.41-58.

36. SOIHET, R. Mulheres pobres e Violência no Brasil Urbano. In.: PRIORI, Mary del (org.); BASSANEZI, Carla (coord.de textos). **História das Mulheres no Brasil**. Editora: Contexto. São Paulo, 1997, p.362-400.

37. SORJ, B. Estudos de Gênero: a construção de um novo campo de pesquisas no país. In: 38. COSTA, A. O.; MARTINS, Â. M.; FRANCO, M. L. P. B. **Uma História para contar: A pesquisa na Fundação Carlos Chagas**. Editora: ANNABLUME: Rio de Janeiro, 2004.

39. _____. Dois olhares sobre Heleieth Safiotti. In.: **Revista Estudos Feministas**. Ano 3. nº 1. Florianópolis, 1995, p. 156-158.